

Clube de Paris *Dívida* cria problemas *Ex*

O fechamento de um acordo com o Clube de Paris, antes de um acerto com os bancos credores, é uma alternativa que o Brasil poderá buscar no processo de renegociação de sua dívida externa, informou ontem o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, mesmo admitindo ter observado, em seus recentes contatos no exterior, uma menor rigidez dos banqueiros em relação à posição brasileira de não submeter ao monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Segundo Funaro, um acordo com o Clube de Paris "tornaria muito mais fácil" o fechamento de um reescalonamento plurianual do restante do estoque da dívida brasileira junto aos bancos. O ministro observou que durante as negociações, o Brasil poderá tentar esta estratégia, dependendo do andamento dos contatos com os bancos.

O ministro também disse que não foi criado um impasse entre o Brasil, os bancos credores e os governos que integram o Clube de Paris, como resultado do tratamento que o Brasil recebeu durante a reunião anual do FMI. Para o ministro, a não inclusão do nome do Brasil nos elogios feitos pelo presidente norte-americano, Ronald Reagan, e pelo secretário do Tesouro daquele país, James Backer, durante a reunião, não isolaram o Brasil".

Para Funaro, o Brasil tem o reconhecimento internacional, por estar ajustando sua economia com crescimento e redução da inflação. Ele lembrou que o diretor-gerente do fundo, Jacques de Larosiere, que está de saída, elogiou o Brasil, bem como o próprio James Backer. O ministro explicou que o elogio do secretário do Tesouro foi proferido durante uma festa promovida por uma revista econômica dos Estados Unidos.

As posições do Brasil continuam "inarredáveis", reafirmou Funaro. Queremos a volta ao mercado internacional e um acerto com os credores e o Clube de Paris sem o monitoramento mais suave — como a Venezuela — acertou com o Banco Mundial (BIRD) — está nos planos do Brasil, disse.

O ministro criticou duramente a disposição dos países desenvolvidos e credores em manterem "as rígidas regras de relacionamento, criadas há três anos". Segundo Funaro, não se justifica mais estas regras após o pior da crise internacional ter sido superado.